



FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA

BRAGANÇA
 **Classicfest**
3ª EDIÇÃO

FILIPE PINTO-RIBEIRO
DIRECTOR ARTÍSTICO

29 SET > 07 OUT
2023



BRAGANÇA
Classicfest
3ª EDIÇÃO

BRAGANÇA Classicfest

COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA
UNDER THE HIGH PATRONAGE OF THE
PRESIDENT OF THE PORTUGUESE REPUBLIC

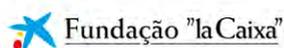


O Presidente da República

ORGANIZAÇÃO



MECENAS



APOIO



MEDIA



ÍNDICE

Apresentação.....	05
Programa.....	12
Artistas por ordem de concerto.....	40
Equipa.....	62
Informações úteis.....	63

PROGRAMA GERAL

29 SET	21h00	CONCERTO DE ABERTURA ORQUESTRA SINFÓNICA DAS ASTÚRIAS Teatro Municipal de Bragança
30 SET	21h00	SINFONIA DO NOVO MUNDO Teatro Municipal de Bragança
01 OUT	17h00	BACH A SOLO Igreja da Sé de Bragança
03 OUT	21h00	A ARTE DO TRIO Igreja de Santa Maria – Cidadela de Bragança
05 OUT	21h00	MOZART FEST Igreja de São Francisco
06 OUT	21h00	GALA DE ÓPERA Teatro Municipal de Bragança
07 OUT	21h00	CONCERTO DE ENCERRAMENTO A GRANDE FANTASIA Teatro Municipal de Bragança

**HERNÂNI DIAS**

Presidente da Câmara Municipal de Bragança

Bragança continua a acolher eventos de elevado valor artístico e cultural, confirmando o processo de afirmação da cidade e do concelho no panorama cultural nacional e internacional. Exemplo disso é o Festival Internacional de Música Erudita, Bragança ClassicFest, que vai já na sua terceira edição e que decorrerá de 29 de Setembro a 7 de Outubro.

Estamos perante um evento consolidado e que atrai públicos de várias faixas etárias que edição após edição tem esgotado não só o auditório do Teatro Municipal de Bragança, como também espaços icónicos de Bragança, como é o caso da Sé Velha, da Igreja de Santa Maria do Castelo e da Igreja de São Francisco, que acolhem igualmente espectáculos de inigualável qualidade musical, numa efectiva estratégia de descentralização cultural.

É através da participação de artistas de grande valor, reconhecidos pelos seus pares e pelos seus públicos, que o Município de Bragança tem vindo a promover a divulgação e o acesso às diferentes linguagens artísticas, onde a música ocupa um espaço relevante, elevando o espírito reflexivo e contribuindo para a construção de uma comunidade crítica e dinâmica, ombreando com outras cidades do nosso país.

Quero expressar o meu agradecimento a todos os parceiros e ao público que, ano após ano, têm feito do Bragança ClassicFest um evento que marca a programação cultural do território, da região e do País.

**JOÃO CUNHA***Director do Teatro Municipal de Bragança*

Mantendo o Alto Patrocínio de Sua Excelência o Presidente da República Portuguesa, o Bragança ClassicFest – Festival Internacional de Música consolida-se como evento cultural de referência à escala nacional e internacional. Após duas edições com a totalidade dos espetáculos esgotados, por cerca de 4.000 espectadores, a 3ª edição do Bragança ClassicFest mantém elevados padrões de excelência e de qualidade artística, enaltecendo a vida cultural e social da cidade, do concelho, da região e do país.

Num conjunto de sete concertos, acolhidos em emblemáticos espaços da cidade de Bragança, músicos de referência mundial celebram um programa eclético, para vivências ímpares na área da Música Erudita. Para além de espetáculos de cariz mais intimista nas Igrejas da Sé,

de Santa Maria e de São Francisco, destaque para incontornáveis obras do repertório sinfónico – “Sinfonia Nº5 Opus 67”, de Ludwig van Beethoven e “Sinfonia Nº9 Opus 95 Do Novo Mundo”, de Antonín Dvořák –, na estreia em Bragança da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias, sob Direcção do Maestro Nuno Coelho. De forma complementar, encontros, masterclasses e ensaios abertos aproximam conceituados artistas internacionais a músicos e estudantes da cidade e da região, para marcantes momentos de partilha e aprendizagem.

Pela excelência e pela efectiva descentralização cultural, o Teatro Municipal de Bragança agradece a todos os parceiros envolvidos, bem como ao público que dá vida ao Bragança ClassicFest.

**FILIPE PINTO-RIBEIRO***Director Artístico do Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest*

O 3º Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest apresenta um programa de excelência artística, consolidando o caminho trilhado nas edições de 2021 e 2022, que trouxeram a Bragança o brilho de orquestras e músicos consagrados – como as Orquestras de Câmara de Viena e de São Petersburgo, Gérard Caussé, Diana Tischenko, Héctor del Curto, Mario Hossen, Lena Belkina, Marcelo Nisinman, entre outros –, para concertos memoráveis e esgotados por um público entusiasta.

Em 2023, **Bragança torna-se, novamente, o epicentro da música clássica/erudita em Portugal** durante cerca de duas semanas, como habitualmente em torno do Dia Mundial da Música, 1 de Outubro, com uma programação aliciante e a presença de músicos de referência nacional e internacional. Realce-se, desde logo, os concertos de abertura do Bragança ClassicFest com uma das principais orquestras espanholas, a **Orquestra Sinfónica do**

Principado das Astúrias (OSPA). Sob a direcção do seu Maestro Titular desde 2022, o português **Nuno Coelho**, a OSPA apresenta dois concertos na magnífica sala do **Teatro Municipal de Bragança**, com obras-primas do património musical: a 5ª Sinfonia de Beethoven e a 9ª Sinfonia de Dvořák, “Do Novo Mundo”. Oportunidade extraordinária para ouvir também duas obras concertísticas de referência, de Mozart e de Tchaikovsky, com dois solistas de excepção – a violinista **Esther Hoppe** e o violoncelista **Christian Poltéra** – que tocam magníficos instrumentos construídos por Antonio Stradivari (Stradivarius), nascido em Cremona em 1644 e considerado por muitos o melhor fabricante/luthier de todos os tempos. É ainda de destacar a presença nesta edição do Bragança ClassicFest de dois músicos consagrados, especialmente no universo dos instrumentos de sopros: o célebre clarinetista francês **Pascal Moraguès**, 1º Solista da Orquestra de Paris, há quatro décadas na elite



mundial, e a flautista portuguesa **Adriana Ferreira**, 1^a Solista da Orquestra Nacional de Santa Cecília de Roma e premiada nos principais concursos internacionais.

Outro momento alto do 3^o Bragança ClassicFest é a estreia em Portugal da soprano **Julia Muzychenko**, estrela em fulgurante ascensão no panorama mundial da ópera, laureada em grandes concursos internacionais de canto, como o Concurso de Ópera Clermont Ferrand (1^o Prémio), o Concurso Montserrat Caballé (2^o Prémio) e o Concurso Rainha Elisabete da Bélgica (3^o Prémio).

Em 2023, o Bragança ClassicFest continua a ser também o palco de jovens e talentosos músicos portugueses em início de carreira, alguns dos quais residentes noutros países e que assim regressam e mantêm a ligação a Portugal.

O repertório musical desta 3^a edição percorre quatro séculos, desde o barroco de **Johann Sebastian Bach** à música do século XXI do argentino **Oswaldo Golijov** e do canadiano **Srul Irving Glick**, passando pelos grandes compositores do classicismo e do romantismo musical e pela música do século XX, nomeadamente com a música espanhola, de **Joaquín Turina**, e a música portuguesa, de **Fernando Lopes-Graça**. O Concerto de Encerramento do 3^o Bragança ClassicFest é um excelente exemplo da variedade estilística e internacional do repertório desta edição,

culminando no famoso e festivo “**Carnaval dos Animais, Grande Fantasia Zoológica**”, obra plena de humor composta pelo compositor francês **Camille Saint-Saëns** em 1886 e que, nesta especial ocasião, contará com a narração de **Jorge Vaz de Carvalho** de textos humorísticos escritos por **António Mega Ferreira**.

Paralelamente aos concertos, o 3^o Bragança ClassicFest continua o seu relevante **eixo formativo e de sensibilização cultural**, inaugurado na edição de 2022, com a realização de masterclasses e encontros, com a participação dos artistas presentes no festival e especialmente dirigidos aos músicos e estudantes da cidade e da região.

Importante marca do Bragança ClassicFest, desde a 1^a edição, é a realização de concertos em espaços de grande riqueza patrimonial, como acontece em 2023 nas Igrejas de São Francisco, da Sé Velha e de Santa Maria, num salutar **cruzamento entre Música e Património Histórico, Cultural e Arquitectónico** do território de Bragança.

Esta 3^a edição do Bragança ClassicFest tem, assim, o propósito de consolidar o festival como **evento cultural de excelência, à escala nacional e internacional**, contribuindo para a dinamização e prosperidade da região e promovendo a universalização do acesso à Cultura e a celebração da vida em comunidade, por intermédio da extraordinária linguagem universal que é a Música.

O meu bem-haja a todos os que tornam possível a realização do Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest, começando pelo fundamental apoio da **Câmara Municipal de Bragança**, do **Teatro Municipal de Bragança** e da **DSCH Associação Musical**, promotores e organizadores desta iniciativa louvável, e do mecenas principal do festival, **BPI/Fundação “la Caixa”**.

Agradeço ainda à **Direcção-Geral das Artes**, à **Diocese de Miranda-Bragança**, ao parceiro media **RTP Antena 2** e, especialmente, a **Sua Excelência o Presidente da República**, pelo Alto Patrocínio novamente concedido.

Filipe Pinto-Ribeiro

LA CONSOLIDACIÓN DE UN FESTIVAL QUE REBOSA ENTUSIASMO

“La segunda edición del Festival Internacional de Música Bragança ClassicFest, se desarrolló entre el 29 de septiembre y el 9 de octubre de 2022 en la ciudad de arte e historia de Braganza, urbe patrimonial de excepción, cercana a frontera española. Bajo la dirección artística del pianista Filipe Pinto-Ribeiro, el Festival de 2022 ha conseguido un éxito enorme (con salas repletas y un público entusiasta), con el empeño de asociar lugares soberbios a programas musicales de alto nivel. Grandes solistas y conjuntos instrumentales se sucedieron allí (y hay que subrayar la amplia presencia internacional), como Gérard Caussé, Diana Tishchenko, Marcelo Nisinman, Lena Belkina, y hasta la Orquesta de Cámara de Viena — y también los jóvenes artistas portugueses del nuevo Juventus Ensemble.”

In Revista Scherzo (Espanha), 21/10/2022
por Emmanuel Andrieu



TEATRO MUNICIPAL DE BRAGANÇA

Bragança ClassicFest 2022
Teatro Municipal de Bragança
Foto: Rita Carmo

**29 SETEMBRO 2023 6ªfeira****21h00** Teatro Municipal de Bragança

CONCERTO DE ABERTURA

Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias**Nuno Coelho** Direcção Musical**Esther Hoppe** Violino

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart Concerto para Violino e Orquestra N.º3 KV 216

(1756-1791)

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Rondeau: Allegro*

Ludwig van Beethoven

(1770-1827)

Sinfonia N.º5 Opus 67

1. *Allegro con brio*
2. *Andante con moto*
3. *Scherzo: Allegro*
4. *Allegro – Presto*

NOTAS AO PROGRAMA

O século XIX assistiu à era do **Romantismo**, época em que se verificou não apenas o nascimento de uma nova sensibilidade e de novas formas expressivas mas também um esforço (filosófico e, consequentemente, estético) de elaboração conceptual. Assim, durante o século XIX foi amplamente difundida a ideia de exaltação da *Música* e da sua colocação numa posição particularmente privilegiada na hierarquia das artes. O primado romântico da arte musical haveria de ficar bem patente no contributo de E.T.A. Hoffmann (1776-1822), escritor e compositor alemão, designadamente na sua recensão da **Quinta Sinfonia de Beethoven** (de 1810) – a obra que encerra o concerto de abertura do **Festival Bragança ClassicFest** – e no seu subsequente ensaio sobre a música instrumental do mestre alemão (de 1813). Hoffmann sintetizou aspectos da teoria romântica (provenientes do movimento literário alemão do início do século XIX) e transferiu-os para a esfera musical, inferindo que a *Música* (especialmente a música instrumental) deveria ser vista como a suprema arte romântica. Seria precisamente pela sua autonomia relativamente a referências e imagens, pela sua qualidade inefável e incognoscível que a *Música*

proporcionaria um acesso singular ao «maravilhoso reino espiritual do infinito». [Tal perspectiva haveria de ganhar uma expressão filosófica mais explícita na obra seminal *O Mundo como Vontade e Representação*, de Arthur Schopenhauer (1788-1860), onde a *Música* é apresentada não como imagem das ideias (como todas as outras artes) mas sim como imagem da própria vontade, isto é, da essência metafísica do mundo.] Ainda no âmbito da já referida recensão, Hoffmann deixou escrito o seguinte: «**Mozart** reclama-se do sobre-humano, do maravilhoso, que reside no íntimo do espírito. A música de **Beethoven** movimenta a alavanca do terror, do medo, do pavor, da dor, e desperta aquela infinita saudade que é a essência do Romantismo». No concerto de abertura da presente edição do **Festival Bragança ClassicFest** propõe-se, pois, uma incursão pela música de dois dos mais icónicos compositores da História da Música Ocidental.

Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) escreveu cinco concertos para violino (KV 207, KV 211, KV 216, KV 218 e KV 219), todos ainda antes de completar vinte anos de idade. Em qualquer um deles, o compositor evidencia o seu íntimo conhecimento



da técnica do instrumento e do seu potencial expressivo. O **Concerto para Violino e Orquestra N.º3 KV 216** foi composto em 1775, numa altura em que **Mozart** ocupava a posição de concertino na orquestra de Salzburgo. A obra tem três andamentos e destaca-se – mais do que pelo virtuosismo técnico – por uma escrita que valoriza a depuração melódica, o equilíbrio formal e a sobriedade expressiva. Por outro lado, é muito interessante o facto de **Mozart** tentar inculcar numa peça do género concertante um tipo de discurso dramático, sempre em constante mudança, típico da produção operática do compositor.

Partindo da tradição clássica vienense firmada na obra de Joseph Haydn (1732-1809) e de Mozart, **Ludwig van Beethoven** (1770-1827) rapidamente alcançou uma venturosa combinação entre os preceitos dos seus antecessores e o desenvolvimento de um estilo e de uma expressão altamente pessoais, tornando-se, assim, na figura dominante do século XIX. E «o que fazer depois de

Beethoven?»: eis a pergunta, enunciada por Franz Schubert (1797-1828), que permite compreender o alcance das conquistas e da influência de **Beethoven** junto dos seus pares, designadamente no que respeita ao género sinfónico. Composta essencialmente entre 1807 e 1808, a **Sinfonia N.º5 Opus 67 de Beethoven** teve a sua primeira apresentação pública a 22 de Dezembro de 1808, em Viena, sob a batuta do próprio compositor. A obra inicia-se com um incisivo motivo de quatro notas – provavelmente, o mais célebre gesto musical de toda a História da Música – que reaparece depois, sob diferentes formas, nos restantes três andamentos que compõem a sinfonia, encontrando-se os terceiro e quarto andamentos ligados por uma passagem particularmente inspirada, em *stretto*, onde ocorre a transição do modo menor para o brilhante *Finale* em modo maior (cumprindo-se um evidente pressuposto moral de caminho em direcção à Luz).

Sónia Gonçalves da Silva





30 SETEMBRO 2023 Sábado
21h00 Teatro Municipal de Bragança

SINFONIA DO NOVO MUNDO

Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias
Nuno Coelho *Direcção Musical*
Christian Poltéra *Violoncelo*

PROGRAMA

Piotr Tchaikovsky
(1840-1893) **Variações sobre um Tema Rococó para Violoncelo e Orquestra Opus 33**

Antonín Dvořák
(1841-1904) **Sinfonia N.º9 Opus 95 “Do Novo Mundo”**
1. *Adagio – Allegro molto*
2. *Largo*
3. *Molto vivace*
4. *Allegro con fuoco*

NOTAS AO PROGRAMA

Ainda que tenha mantido sempre um interesse por fontes históricas e literárias russas, utilizando, inclusivamente, melodias de índole russa nas suas obras durante praticamente toda a sua carreira, **Piotr Ilitch Tchaikovsky** (1840-1893) é habitualmente considerado o grande representante da facção mais “cosmopolita” no contexto da música russa do século XIX. Detentor de uma formação académica bastante consistente (e tradicional), **Tchaikovsky** absorveu influências ocidentais e expandiu a sua escrita no sentido da linguagem musical europeia, o que facilmente se comprova no tratamento harmónico e formal que imprimiu às suas obras, no seu fascínio pelos géneros instrumentais tradicionais de grande escala e na preferência estilística que conscientemente manifestou por modelos reminiscentes de Schumann (1810-1856) e de Mozart (1756-1791). As suas *Variações sobre um Tema Rococó para Violoncelo e Orquestra, Opus 33* são um bom exemplo do carinho de **Tchaikovsky** por tais referências do passado. A peça foi composta entre o final de 1876 e o início de 1877 e estreada no dia 18 de Novembro de 1877, em Moscovo, com o violoncelista alemão Wilhelm Fitzenhagen (1848-1890) como solista,

sob a batuta de Nikolay Rubinstein (1835-1881).

A versão da obra mais conhecida (desde 1878), e que ainda hoje permanece como a mais frequentemente interpretada, corresponde àquela editada por Fitzenhagen (a quem a peça foi dedicada), que fixou alterações substanciais relativamente ao texto original de **Tchaikovsky** (cuja primeira edição impressa apenas viria a ser publicada em meados do século XX). Assim, para além de reescrever algumas passagens (com o intuito de evidenciar a parte do solista), Fitzenhagen eliminou uma das oito variações do manuscrito original e reordenou as restantes (com excepção das duas primeiras).

A obra, inventiva e elegante, revela o interesse e o apreço de **Tchaikovsky** pela música da segunda metade do século XVIII, designadamente pelo repertório mozartiano. O tema «rococó» que dá mote às variações – da autoria de **Tchaikovsky** – dá conta disso mesmo (proveniente das artes decorativas, o termo rococó, quando aplicado por analogia à música setecentista, remete mais frequente e apropriadamente para o chamado estilo galante). Assim, a reconstituição do estilo clássico na graciosidade do tema e na opção por um



efectivo orquestral reduzido contrastam com o virtuosismo tipicamente romântico patente nas variações.

À luz do contexto da música europeia da segunda metade do século XIX, também o trabalho de **Antonín Dvořák** (1841-1904) parece ser moldado por uma matriz estilística de certa forma retrospectiva, que se revela, sobretudo, na abordagem do compositor aos géneros instrumentais de cunho mais tradicional, como o quarteto de cordas, a música de câmara com piano e a sinfonia. Contudo, a sua criatividade melódica e o seu talento orquestral, assim como a sua capacidade de recriação da “*couleur locale*”, exerceram um poderoso efeito de atracção junto do público europeu que não conseguia assimilar a audácia de Richard Wagner (1813-1883) e seus seguidores. A par de Bedřich Smetana (1824-1884), **Dvořák** acabaria por tornar-se num dos mais genuínos representantes do nacionalismo musical checo, tendo a sua obra alcançado projecção internacional (a partir da década de oitenta). Em Outubro de 1892, o compositor assumiu o cargo de director do Conservatório de Música de Nova Iorque e logo iniciou a composição da sua *Sinfonia N.º9 Opus*

95 “Do Novo Mundo”. A partitura ficaria completa em Maio do ano seguinte, tendo a sua estreia acontecido no dia 16 de Dezembro de 1893, no então recentemente inaugurado Carnegie Hall, interpretada pela Orquestra Filarmónica de Nova Iorque, sob a direcção do maestro húngaro Anton Seidl (1850-1898).

A peça é escrita de acordo com o convencional modelo formal em quatro partes (verificando-se um resumo do principal material temático da obra no último andamento) e evidencia o domínio e a estima do compositor pela linguagem sinfónica da tradição europeia (no início do terceiro andamento da sinfonia, **Dvořák** recorre mesmo a uma referência inequívoca ao *Scherzo* da nona sinfonia de Beethoven). Embora não utilize directamente melodias ameríndias ou provenientes do cancionero dos espirituais negros, o compositor assumiu, de facto, uma tentativa de inspiração nesse universo musical, como aliás se comprova na melodia apresentada pelo corne inglês no início do segundo andamento, provavelmente o mais célebre desta sinfonia.

Sónia Gonçalves da Silva



**01 OUTUBRO 2023 Domingo**

Dia Mundial da Música

17h00 Igreja da Sé de Bragança

BACH A SOLO

Esther Hoppe *Violino*

PROGRAMA

Johann Sebastian Bach
(1685-1750)**Sonata Nº1 BWV 1001**

1. *Adagio*
2. *Fuga: Allegro*
3. *Siciliana*
4. *Presto*

Partita Nº3 BWV 1006

1. *Preludio*
2. *Loure*
3. *Gavotte en rondeau*
4. *Menuet I*
5. *Menuet II*
6. *Bourrée*
7. *Gigue*

Partita Nº2 BWV 1004

1. *Allemanda*
2. *Corrente*
3. *Sarabanda*
4. *Giga*
5. *Ciaconna*

NOTAS AO PROGRAMA

Em Dezembro de 1717, após um período de nove anos ao serviço da corte de Weimar enquanto organista, **Johann Sebastian Bach** (1685-1750) era nomeado, aos trinta e cinco anos de idade, mestre de capela da corte do príncipe Leopold de Anhalt-Köthen (cargo que exerceria até 1723, altura em que se mudou para a cidade de Leipzig, onde viria a permanecer até à sua morte). Se até então a obra de **J. S. Bach** estivera essencialmente orientada para o domínio sacro (com um claro predomínio de cantatas e de composições para órgão), na corte de Köthen – de confissão calvinista e não luterana e, portanto, mais austera e estrita na concepção dos ofícios religiosos – a produção do compositor haveria de tomar um rumo diferente. Assim, incentivado pelo jovem príncipe Leopold, ele próprio amante e profundo conhecedor de música, **J. S. Bach** focou o seu trabalho fundamentalmente no âmbito da música instrumental, tendo escrito principalmente para instrumentos de tecla ou para conjuntos instrumentais, música vocacionada para o ensino e para acompanhar os serões da corte. Desta fase destacam-se, entre muitas outras obras de referência, o primeiro livro de *O Cravo Bem Temperado*, BWV 846-869, os seis *Concertos de Brandeburgo*, BWV

1046-1051, as seis *Suites para Violoncelo Solo*, BWV 1007-1012 e, precisamente, as *Sonatas e Partitas para Violino Solo*, BWV 1001-1006, cujo manuscrito autógrafa data de 1720 (sendo possível que a sua composição tenha acontecido entre 1717 e 1719; a publicação da sua primeira edição completa aconteceria apenas em 1843). Este conjunto de peças para violino (composto por três sonatas, BWV 1001, 1003 e 1005, e por três partitas, BWV 1002, 1004 e 1006) pode enquadrar-se na tradição forjada por compositores (e violinistas) como Heinrich Ignaz Franz von Biber (1644-1704), Johann Jakob Walther (1650-1717), Johann Paul von Westhoff (1656-1705) e, em particular, Johann Georg Pisendel (1687-1755), o mais importante violinista alemão do seu tempo, activo na cidade de Dresden desde 1712 (e com quem **J. S. Bach** tomara directamente contacto em Weimar, em 1709; a sua sonata para violino solo poderá, muito provavelmente, ter influenciado **J. S. Bach** na composição das suas obras para o instrumento).

A colecção de *Sonatas e Partitas* de **J. S. Bach** revela, em primeiro lugar, o íntimo conhecimento do compositor da técnica e da escrita idiomática do violino, sendo considerada o ponto culminante da literatura barroca



para o instrumento. Por outro lado, nestas peças **J. S. Bach** dá provas da sua mestria em criar, mesmo em composições *senza basso*, a ilusão (efectiva) de uma textura harmónica e contrapontística densa através de linhas melódicas simples que desenham ou sugerem uma interacção de vozes independentes. Do ponto de vista formal, o modelo das três **Sonatas** é o da sonata da *chiesa* (sonata de igreja). Assim, encontram-se escritas em quatro andamentos contrastantes, de acordo com a sequência lento-rápido-lento-rápido: o primeiro andamento, de carácter introdutório e retórico, conduz-nos à fuga do segundo andamento; o terceiro andamento, habitualmente uma peça lírica e expressiva, direcciona-nos para um vivo *finale* em estilo imitativo.

Cada uma das três **Partitas** inspira-se no modelo da sonata da *camera* (que apresenta uma forte afinidade com a *suite*), funcionando, *grosso modo*, como uma sucessão de danças (estilizadas) e de andamentos de outra natureza.

Desta forma, ao habitual esquema nuclear *allemande-courante-sarabande-gigue*, **J. S. Bach** adiciona (interpolando ou substituindo) outros andamentos (como o prelúdio da terceira partita) ou outras danças (como a *loure*, a *gavotte*, o *minuet* ou a *bourrée*, também na terceira partita). Do conjunto das três partitas, merece especial referência a magnífica *chaconne* da segunda partita, peça com que, justamente, encerra o presente recital no **Festival Bragança ClassicFest**. Com uma duração (cerca de quinze minutos) que praticamente iguala a duração do conjunto dos quatro andamentos que a antecedem, o número consiste numa sequência contínua de variações (sobre um baixo *ostinato*) assente num arco tonal que unifica o discurso prodigiosamente inventivo de **J. S. Bach**. A peça permanece até hoje como uma das mais virtuosísticas páginas do repertório violinístico de todos os tempos.

Sónia Gonçalves da Silva



Bragança ClassicFest 2021
Igreja da Sé de Bragança
Foto: Rita Carmo

**03 OUTUBRO 2023** 3ªfeira**21h00** Igreja de Santa Maria – Cidadela de Bragança

A ARTE DO TRIO

Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*Esther Hoppe *Violino*Christian Poltéra *Violoncelo*

DSCH - Schostakovich Ensemble

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart **Trio para Piano, Violino e Violoncelo KV 548**

(1756-1791)

1. *Allegro*
2. *Andante cantabile*
3. *Allegro*

Joaquín Turina

(1882-1949)

“Círculo...”, Fantasia para Piano, Violino e Violoncelo Opus 91

1. *Amanecer*
2. *Mediodía*
3. *Crepúsculo*

Franz Schubert

(1797-1828)

Trio para Piano, Violino e Violoncelo Nº1 D 898

1. *Allegro moderato*
2. *Andante un poco mosso*
3. *Scherzo: Allegro*
4. *Rondo: Allegro vivace*

NOTAS AO PROGRAMA

O conceito de **música de câmara** remete para a música escrita para um dispositivo instrumental reduzido (em que cada parte é interpretada por um único músico) destinada, tradicionalmente, a um ambiente de execução privado (até mesmo doméstico) ou público, diante uma audiência também ela reduzida, própria das pequenas salas de concerto. Na sua essência, este repertório implica, portanto, um ambiente íntimo e de grande cumplicidade que ponha em evidência, talvez acima de tudo, o prazer inequivocamente inerente ao exercício de se fazer música em conjunto.

O presente concerto celebra, pois, os elementos de união e de partilha tão caros à interpretação do repertório camerístico, através da apresentação de três obras para trio com piano (formação que ganhou destaque a partir de meados do século XVIII).

Grande parte das obras que ajudaram a eternizar o nome de **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791) foram escritas em Viena, durante os últimos dez anos de vida do compositor. Uma síntese perfeita – entre a forma e o conteúdo, entre a elegância melódica e a riqueza da harmonia e das texturas, entre os estilos galante e erudito – era então alcançada em todos os géneros musicais abordados pelo compositor.

No Verão de 1788, **Mozart** encontrava-se em circunstâncias difíceis: *Don Giovanni*, que alcançara um estrondoso êxito em Praga (em 1787), obtinha, em Viena, um mau acolhimento; por outro lado, o público que regularmente assistia aos concertos que o compositor organizava era cada vez menos numeroso. Foi nesta conjuntura que Mozart encetou a escrita do *Trio para Piano, Violino e Violoncelo, KV 548* (que decorreu paralelamente à composição de um outro trio com piano, o KV 542, e das suas três derradeiras sinfonias). A obra tem três andamentos e destaca-se pela sua textura enxuta e transparente. Os três instrumentos têm a mesma importância, contribuindo, cada um deles, com material essencial dos pontos de vista melódico e contrapontístico, num diálogo que evidencia, com efeito, esse equilíbrio de forças.

Joaquín Turina (1882-1949) foi um reputado compositor espanhol, nascido em Sevilha, relevante no meio musical madrileno da primeira metade do século XX. Frequentemente comparada com a produção de Isaac Albéniz (1860-1909), Enrique Granados (1867-1916) ou Manuel de Falla (1876-1946), a obra de Turina parece espelhar (mais do que a dos seus pares espanhóis) a intenção do compositor de aproximar-se dos modelos *standard* europeus, ainda que



conserva a graciosidade, o colorido e o humor tão tipicamente sevillanos. No contexto da música de câmara de Turina, a peça “*Círculo...*” – *Fantasia para Piano, Violino e Violoncelo, Opus 91* apresenta-se como a terceira (e última) abordagem do compositor à formação do trio com piano (depois do Opus 35, de 1926, e do Opus 76, de 1933). Escrita em 1936, a obra constitui-se como uma evocação do tempo e dos seus ciclos, remetendo cada um dos andamentos da peça para as *nuanças* de três momentos distintos de um dia.

Franz Schubert (1797-1828) cresceu no seio de uma família em que a prática musical, tal como tipicamente acontecia em tantos outros lares vienenses, tinha presença assídua nos momentos de diversão doméstica: foi em casa que recebeu as primeiras lições de música e, desde muito cedo, era o jovem músico o responsável pelas partes de violino ou violoncelo quando a família se reunia para fazer música em conjunto. Pode dizer-se que este clima de comunhão e de proximidade foi uma constante no curto percurso de **Schubert** (o compositor

morreu jovem, com apenas trinta e um anos de idade). De facto, ao longo da sua vida, a sua obra foi apreciada por um público relativamente restrito constituído por amigos e conhecidos do compositor, tendo ficado particularmente célebres os inúmeros serões organizados nas suas próprias casas ou em salões privados da burguesia vienense, as “*schubertiadas*”, epítome perfeito para a forma como **Schubert** concebia a ligação entre músico e ouvinte.

Composto, provavelmente, entre 1827 e 1828, o *Trio para Piano, Violino e Violoncelo N.º 1 D 898* apresenta-se como uma ótima súpula do trajecto de **Schubert**: ora cedendo à influência avassaladora de Beethoven (1770-1827), ora fiel à herança do antigo estilo clássico vienense. A partitura, de cunho brilhante e luminoso, destaca-se pela riqueza e pela subtilidade patentes no tratamento dos parâmetros melódico e harmónico, assim como pelo jogo inventivo de manipulação e de desenvolvimento motivico e formal.

Sónia Gonçalves da Silva



Bragança ClassicFest 2022
Igreja de Santa Maria
Cidadela de Bragança
Foto: Rita Carmo

**05 OUTUBRO 2023** 5ªfeira

21h00 Igreja de São Francisco

MOZART FEST

Adriana Ferreira *Flauta*Pascal Moraguès *Clarinete*Amia Janicki *Violino*Tomás Soares *Violino*Mafalda Costa Reis *Viola*Beatriz Raimundo *Violoncelo*

Juventus Ensemble

PROGRAMA

Wolfgang Amadeus Mozart **Quarteto para Flauta, Violino, Viola e Violoncelo KV 285**

(1756-1791)

1. *Allegro*
2. *Adagio*
3. *Rondo*

Fernando Lopes-Graça

(1906-1994)

Suite Rústica Nº2, sobre cantos e danças tradicionais portuguesas

1. *Melancólico*
2. *Danzante – Místico*
3. *Scherzoso*
4. *In modo di Ninna Nanna*
5. *Gaio*

Wolfgang Amadeus Mozart **Quinteto para Clarinete, 2 Violinos, Viola e Violoncelo KV 581**

(1756-1791)

1. *Allegro*
2. *Larghetto*
3. *Menuetto*
4. *Allegretto con variazioni*

NOTAS AO PROGRAMA

Pode dizer-se que o génio de **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791) como compositor de música de câmara revelou-se inteiramente nos quartetos e quintetos de cordas escritos já na fase de plena maturidade do mestre vienense, merecendo particular referência os seus seis quartetos dedicados a Joseph Haydn (1732-1809), KV 387, 421, 428, 458, 464 e 465, e os quintetos KV 515 e 516. Mas o seu extenso repertório camerístico abarca uma grande diversidade de formações. Por várias vezes **Mozart** convocou a presença de instrumentos de sopro – como a flauta, o clarinete, o oboé ou a trompa – para o seio dos conjuntos de cordas, tornando possível a criação de texturas mais coloridas e demonstrando, sempre, o seu domínio da linguagem idiomática de cada um destes instrumentos.

Em Setembro de 1777, **Mozart** iniciava mais uma viagem, desta feita numa tentativa (infrutífera) de encontrar melhores condições profissionais relativamente às que então tinha em Salzburgo. Passou por Munique, Augsburg e Mannheim, cidade altamente reputada no mapa da música instrumental europeia onde se manteve até meados de Março de 1778. É deste período que data o seu *Quarteto para Flauta, Violino,*

Viola e Violoncelo, KV 285. A obra resultou de uma encomenda feita por Ferdinand Dejean (1731-1797), antigo funcionário da Companhia Holandesa das Índias Orientais e flautista amador, que **Mozart**, entretanto, conhecera em Mannheim. Com efeito, a flauta goza de um papel proeminente ao longo de todo o quarteto. Dos três andamentos que o compõem (sendo os dois últimos interpretados sem interrupção), destaca-se, pela sua doce melancolia, o segundo, onde é apresentada provavelmente uma das mais belas melodias alguma vez escritas para flauta.

O *Quinteto para Clarinete, 2 Violinos, Viola e Violoncelo, KV 581* data de uma fase mais tardia: **Mozart** concluiu a sua composição no ano de 1789, o antepenúltimo da vida do compositor. A obra foi dedicada ao reputado clarinetista austríaco Anton Stadler (1753-1812), que **Mozart** conhecera no início da década de oitenta, em Viena, e de quem rapidamente se tornara amigo próximo (desta amizade resultaria ainda uma das últimas composições de **Mozart**, o *Concerto para Clarinete, KV 622*, que Stadler haveria de estrear em Praga, em Outubro de 1791, menos de dois meses antes da morte do compositor). O quinteto segue o habitual esquema em quatro partes



(com um tema e variações no último andamento), através das quais **Mozart** desenvolve uma grande variedade de ambientes e texturas. A obra (originalmente escrita para *cor de basset* mas habitualmente interpretada no clarinete em Lá) expressa bem o enorme afecto que **Mozart** nutria pelo clarinete, tendo-se convertido, pela sua beleza, força expressiva e riqueza de contrastes, numa das obras mais aplaudidas do repertório para o instrumento.

Mesmo apesar da sua carreira se ter desenvolvido quase sempre à margem dos perímetros institucionais oficiais (devido à sua posição ideológica firmemente antagonista ao regime político vigente), **Fernando Lopes-Graça** (1906-1994) foi, provavelmente, a individualidade musical dominante em Portugal a partir de finais da década de vinte.

Como compositor, **Lopes-Graça** partiu de uma atitude estética característica do modernismo (com pontos de contacto com o neoclassicismo), procurando também, desde cedo, uma certa expressão musical portuguesa (que o levaria a estudar, de forma sistemática, a música rural tradicional portuguesa). Assim, figuras como Claude Debussy

(1862-1918), Igor Stravinsky (1882-1971), Manuel de Falla (1876-1946) ou Béla Bartók (1881-1945) apresentam-se como referências decisivas no estilo de **Lopes-Graça**. A sua produção é vasta e abarca praticamente todos os géneros e formações musicais (com excepção da ópera).

A *Suíte rústica N.º2 (sobre cantos e danças tradicionais portuguesas)*, para quarteto de cordas, foi composta entre os dias 1 e 5 de Agosto de 1965 e apresentada pela primeira vez pelas mãos do Quarteto de Cordas da Oficina Musical, no dia 2 de Junho de 1966, na cidade do Porto (Cinema Trindade). A obra foi dedicada ao compositor brasileiro César Guerra Peixe (1914-1993), com quem **Lopes-Graça** manteve uma intensa correspondência (entre 1947 e 1975), centrada, entre outros tópicos, no debate sobre a problemática do nacionalismo musical. Na peça, verifica-se uma sublimação do conteúdo psicológico e morfológico do material de raiz popular (canções e danças), através da expressão musical do seu significado étnico e cultural e não pitoresco ou regionalista.

Sónia Gonçalves da Silva



**06 OUTUBRO 2023** 6ªfeira

21h00 Teatro Municipal de Bragança

GALA DE ÓPERAJulia Muzychenko *Soprano*Matthias Samuil *Piano*

PROGRAMA

1ª PARTE

Jules Massenet
(1842-1912)Da ópera “Manon”
— Adieu, Notre Petite Table (Manon)
— Obéissons quand leur voix appelle (Manon)Nikolai Rimsky-Korsakov
(1844-1908)Пленившись розой Opus 2 N^o2
 (“Romance oriental”)Charles Gounod
(1818-1893)Da ópera “Romeo e Julieta”
— Je veux vivre (Juliette)Fryderyk Chopin
(1810-1849)Nocturno em Dó sustenido menor
Opus póstumoGiacomo Puccini
(1858-1924)Da ópera “La Bohème”
— Quando m'en vo (Musetta)Sergei Rachmaninov
(1873-1943)Здесь хорошо Opus 21 N^o7
 (“Tudo bem aqui”)Ruperto Chapí
(1851-1909)Da zarzuela “Las hijas del Zebedeo”
— CarcelerasGaetano Donizetti
(1797-1848)Da ópera “Don Pasquale”
— Quel guardo, il cavaliere... (Norina)

2ª PARTE

Gustave Charpentier
(1860-1956)Da ópera “Louise”
— Depuis le jour (Louise)Franz Liszt
(1811-1886)

“Oh! Quand je dors”

Giuseppe Verdi
(1813-1901)Da ópera “La Traviata”
— È strano (Violetta)Sergei Rachmaninov
(1873-1943)Весенние воды Opus 14 N^o11
 (“Águas de Primavera”)Fryderyk Chopin
(1810-1849)Mazurka Opus 17 N^o4Giuseppe Verdi
(1813-1901)Da ópera “Rigoletto”
— Caro Nome (Gilda)Heitor Villa-Lobos
(1887-1959)“Quatro Canções da Floresta do Amazonas”
— Melodia SentimentalRuggero Leoncavallo
(1857-1919)

“La Mattinata”

Jerónimo Giménez
(1854-1923)Da zarzuela “El Barbero de Sevilla”
— Me llaman la primorosa



NOTAS AO PROGRAMA

Essencialmente composto por obras do século XIX e da primeira metade do século XX, o alinhamento proposto para a presente **gala de ópera** sublinha, acima de tudo, a versatilidade dos intérpretes que a protagonizam, verificando-se uma imensa diversidade aos níveis do género, do estilo e do carácter, num périplo com paragens mais prolongadas no repertório italiano, francês e russo, mas que percorre também outras latitudes, eventualmente mais coloridas, com passagens pela música espanhola e brasileira.

No século XIX, a ópera italiana assentava, conforme é sabido, numa longa tradição, solidamente enraizada na vida dos italianos desde inícios do século XVII. A distinção entre *opera seria* e *opera buffa* manteve-se clara até praticamente meados do século, apresentando-se **Gaetano Donizetti** (1797-1848) – um dos mais prolíficos compositores italianos do segundo quartel do século XIX – como o último grande representante do género cómico. Entre as suas cerca de setenta óperas, encontra-se a ópera *buffa* **Don Pasquale** (de 1843), a sua brilhante despedida deste gracioso e espirituoso género operático. Os elementos provenientes da literatura romântica que iam impregnando,

ainda que muito gradualmente, a ópera séria italiana, começaram, então, a manifestar-se de forma evidente com **Giuseppe Verdi** (1813-1901), que explorou como ninguém libretos plenos de emoções fortes e de contrastes acentuados, conforme se verifica em **Rigoletto** (de 1851) e na célebre **La Traviata** (de 1853), dois melodramas da primeira fase do compositor. Com o final do século XIX, o realismo literário conduziu a ópera italiana ao movimento que ficou conhecido por verismo (derivado do italiano *vero*, verdade). **La Bohème**, composta por **Giacomo Puccini** (1858-1924) em 1896, constituiu-se como um excelente exemplo desta tendência. **Ruggero Leoncavallo** (1857-1919) foi outro dos representantes da corrente verista, sendo reconhecido, sobretudo, pela sua ópera **Pagliacci** (de 1892), ainda que canções como “**Matinatta**” também constem no espólio do compositor. Escrita em 1904, esta canção tornou-se particularmente célebre por ter sido gravada, em Abril do mesmo ano, pelo aclamado tenor italiano Enrico Caruso (1873-1921), para a então recentemente fundada Gramophone Company.

A língua francesa é representada nesta gala por repertório que se enquadra, essencialmente, no contexto da *opéra lyrique*, género caracterizado pelo

afastamento do aparato cénico da *grand opéra* (em voga em França durante o período da Monarquia de Julho, entre 1830 e 1848) em favor de atmosferas mais íntimas e carregadas de sentimento, proporcionadas por comovedoras histórias de amor, como aquelas protagonizadas por **Juliette** [na ópera **Roméo et Julliete**, de **Charles Gounod** (1818-1893), estreada em Paris, em 1867], **Manon** [memorável heroína da ópera como o mesmo nome de **Jules Massenet** (1842-1912), ouvida pela primeira vez em Paris, em 1884], ou **Louise** [personagem que dá nome à ópera com que **Gustave Charpentier** (1860-1956) alcançou o maior sucesso da sua carreira, em 1900].

A pontuar a sequência de árias do grande repertório operático encontramos, nesta gala, peças de outros géneros musicais. No âmbito da canção para voz e piano (género que alcançou no século XIX uma relevância que nunca antes tinha conhecido), ouvir-se-ão quatro peças (três em língua russa e uma em francês) de três compositores talvez mais habitualmente associados ao repertório sinfónico ou pianístico. São eles **Nikolai Rimsky-Korsakov** (1844-1908), **Sergei Rachmaninov** (1873-1943) e **Franz Liszt** (1811-1886). A música para piano solo também

encontra lugar no alinhamento, através da apresentação de dois nocturnos de **Fryderyk Chopin** (1810-1849), porta-estandarte do fenómeno do virtuosismo pianístico oitocentista.

Finalmente, haverá ainda espaço para o humor, a exuberância ou o brilho, que encontramos, na presente gala, nos números de zarzuela (género espanhol de teatro musical) retirados de **Las hijas del Zebedeo** (de 1889), de **Ruperto Chapí** (1851-1909), e de **El Barbero de Sevilla** (de 1901), de **Jerónimo Giménez** (1854-1923), ou nas canções incluídas em **A floresta do Amazonas** (de 1958), do brasileiro **Heitor Villa-Lobos** (1887-1959).

Sónia Gonçalves da Silva

**07 OUTUBRO 2023** Sábado

21h00 Teatro Municipal de Bragança

CONCERTO DE ENCERRAMENTO*A Grande Fantasia*Filipe Pinto-Ribeiro *Piano*Rosa Maria Barrantes *Piano*Adriana Ferreira *Flauta*Pascal Moraguès *Clarinete*Amia Janicki *Violino*Tomás Soares *Violino*Mafalda Costa Reis *Viola*Beatriz Raimundo *Violoncelo*Tiago Pinto-Ribeiro *Contrabaixo*João Miguel Braga Simões *Percussão*Jorge Vaz de Carvalho *Narrador*

PROGRAMA

Johann Sebastian Bach

(1685-1750)

Concerto BWV 1056

1. *Allegro*2. *Largo*3. *Presto*

Camille Saint-Saëns

(1835-1921)

“Tarantella” Opus 6

Osvaldo Golijov

(1960-)

“Lullaby & Doina”

Srul Irving Glick

(1934-2002)

“O Casamento Klezmer”

Camille Saint-Saëns

(1835-1921)

“O Carnaval dos Animais”

Grande Fantasia Zoológica

1. *Introdução e Marcha Real do Leão*2. *Galinhas e Galos*3. *Hemíonos (Animais Velozes)*4. *Tartarugas*5. *O Elefante*6. *Cangurus*7. *Aquário*8. *Personagens de Orelhas Comprida*9. *O Cuco no Fundo do Bosque*10. *Gaiola*11. *Pianista*12. *Fósseis*13. *O Cisne*14. *Final**Textos: versão livre em português de António Mega Ferreira,
a partir dos textos de Francis Blanche.



NOTAS AO PROGRAMA

Figura destacada da cena musical francesa da segunda metade do século XIX, o compositor **Camille Saint-Saëns** (1835-1921) haveria de ficar associado ao movimento de “renascimento” musical de carácter especificamente francês, tendo fundado, juntamente com Romain Bussine (1830-1899), a Société Nationale de Musique, em 1871, com o objectivo de promover a música dos novos compositores franceses. Foi um compositor eclético e prolífico, tendo contribuído para todos os géneros musicais da sua época. Provavelmente, os seus trabalhos mais bem-sucedidos foram os que assentaram nos modelos da herança clássica vienense (sonatas, música de câmara, sinfonias e concertos), aos quais soube emprestar a coloração da tradição musical francesa do seu tempo.

A obra **Tarantella, Opus 6**, composta por **Saint-Saëns** em 1857, foi dedicada ao flautista francês Vincent-Joseph van Steenkiste (1812-1896) – mais conhecido por Louis Dorus – e ao clarinetista Adolphe-Marthe Leroy (1827-1880). O seu carácter animado revela a proveniência do título da peça: tarantela é, pois, uma dança tradicional italiana, habitualmente escrita em compasso binário composto, num andamento rápido. Ao longo da

partitura, flauta e clarinete envolvem-se num diálogo cativante, apoiados por um acompanhamento discreto e subtil (a peça foi originalmente composta para flauta, clarinete e orquestra mas é frequentemente interpretada no seu arranjo para flauta, clarinete e piano).

O **Carnaval dos Animais - A Grande Fantasia Zoológica** data de um período mais tardio, tendo sido composta cerca de trinta anos depois, em 1886, e persiste talvez como a mais brilhantemente bem-humorada e, certamente, uma das mais conhecidas obras de **Saint-Saëns**. Curiosamente, o compositor opôs-se sempre, e de forma resoluta, à sua publicação (com excepção do número *O cisne*, publicado em 1887). Com efeito, a peça apenas viria a ser apresentada em público e publicada integralmente um ano após a morte do compositor, em 1922. A obra – composta por catorze números que se sucedem como se de um desfile de animais se tratasse – apresenta-se então como uma paródia musical, verificando-se, inclusivamente, a referência a uma série de passagens célebres de obras como *Orfeu nos Infernos*, de Jacques Offenbach (1819-1880), *Danação de Fausto*, de Hector Berlioz (1803-1869), *Sonho de uma Noite de Verão*, de Felix Mendelssohn (1809-1847), *Barbeiro de*

Sevilha, de Gioachino Rossini (1792-1868), e até de *Dança Macabra*, Opus 40, poema sinfónico de 1874 da autoria do próprio compositor. A partitura apresenta-se como um exercício de estilo e destaca-se pela variedade de cores e de caracteres, sendo o discurso musical dominado pelas qualidades festivas e caricaturais tipicamente associadas ao Carnaval.

As duas peças de **Saint-Saëns** serão intercaladas pela música do argentino **Oswaldo Golijov** (n. 1960) e do canadiano **Srul Irving Glick** (1934-2002), dois compositores unidos no presente alinhamento pela sua relação com a cultura e com a tradição musical judaica. A obra **Lullaby & Doina**, escrita para flauta, clarinete e quarteto de cordas (violino, viola, violoncelo e contrabaixo), foi composta em 2001. A peça surge no seguimento dos temas que **Golijov** compôs para a banda sonora do filme *The Man Who Cried*, de Sally Potter (n. 1949), cujo enredo explora o destino das comunidades judaica e cigana pouco antes do deflagrar da Segunda Guerra Mundial. Na partitura, as referências às tradições judaica e cigana constam, respectivamente, nos números **Lullaby** (numa sequência de variações sobre uma canção de embalar iídiche) e

Doina (estilo musical extremamente ornamentado, muito livre do ponto de vista rítmico, com recurso frequente ao *rubato*).

O universo da música *klezmer* (forma de música instrumental tradicional típica entre a comunidade de judeus asquenaze) será evocado através da peça **O casamento Klezmer**, para clarinete, violino e piano. A obra – plena de sensualidade, alegria e virtuosismo – foi composta por **Srul Irving Glick** em 1996.

A iniciar o alinhamento do presente programa será apresentado o **Concerto, BWV 1056**, um dos mais célebres concertos para teclas de **Johann Sebastian Bach** (1685-1750), graças, provavelmente, à beleza profundamente comovente do seu *Adagio*, o segundo andamento dos três que compõem o concerto.

Sónia Gonçalves da Silva

Bragança ClassicFest 2022
Igreja de Santa Maria
Cidadela de Bragança
Foto: Rita Carmo

ARTISTAS

por ordem de concerto



ORQUESTRA SINFÓNICA DAS ASTÚRIAS

A Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias nasceu em 1991 sob os auspícios do Governo do Principado das Astúrias, com o objectivo prioritário de enriquecer musical e culturalmente aquela região. Tem como Presidente Honorário o Rei Felipe VI de Espanha. É uma Organização Autónoma do Ministério da Educação e Cultura e é membro da Asociación Española de Orquestas Sinfónicas (AEOS). Herdeira da antiga Orquestra Sinfónica Provincial, cujas origens remontam a 1939 e da Orquestra Sinfónica de Astúrias, a OSPA é uma orquestra de referência pela sua versatilidade, capacidade interpretativa e qualidade indiscutível. É composta por sessenta e nove músicos oriundos da União Europeia, Rússia, Estados Unidos e América Latina. A sua principal actividade gira em torno das temporadas de concertos apresentadas anualmente em Oviedo e Gijón. Por lá passaram alguns dos solistas e maestros mais relevantes da cena internacional, entre os quais os seus próprios maestros titulares, Jesse Levine, Maximiano Valdés, Rossen Milanov e Nuno Coelho, que assumiu o

cargo de maestro titular e director artístico da OSPA em 2022. A OSPA participa todos os anos no concerto da cerimónia de entrega do Prémio Princesa de Astúrias e no tradicional Concerto de Natal, este último em estreita colaboração com o Coro da Fundación Princesa de Astúrias. De salientar também a sua importante participação na temporada de ópera da Asociación Asturiana de Amigos de la Ópera. A OSPA desenvolve também um intenso trabalho pedagógico e social nas Astúrias que tem vindo a expandir horizontes ano após ano. Fora do Principado, apresentou-se nos mais importantes festivais, auditórios e salas de Espanha. Das suas participações internacionais, importa destacar os concertos realizados no México, Chile, França, China, Bulgária e Vaticano. A sua discografia iniciou-se com obras de temática ou de autores asturianos, como Benito Lauret, Julián Orbón e Ramón Prada. Gravou para editoras como ARTEK, Classic Concert Records, Channel Classics ou NAXOS, tendo obtido, com esta última, excelentes críticas às suas gravações de Manuel de Falla e Joaquín Rodrigo.



foto: Andrej Grlic

NUNO COELHO

Na temporada 2022/23, Nuno Coelho estreou-se como Maestro Titular e Director Artístico da Orquestra Sinfónica do Principado das Astúrias. Esta temporada marcou também o quinto ano como Maestro Convidado da Orquestra Gulbenkian e a estreia à frente de orquestras como a Orquestra Real do Concertgebouw de Amesterdão e as Filarmónicas de Tampere e St. Gallen, bem como concertos com as orquestras Filarmónica de Helsínquia, Filarmónica de Dresden, Orquestra da Ópera de Hannover, Filarmónica de Luxemburgo, Sinfónica de Malmö e Gävle, Filarmónica de Estrasburgo e Orquestra Nacional de Lille. Em Espanha, continuou a estreita relação com as Sinfónicas da Galiza e de Barcelona.

Vencedor do Concurso Internacional de Direcção de Orquestra de Cadaqués em 2017, tem-se apresentado desde então com a Orquestra Real de Liverpool, Filarmónica da BBC, Sinfónica de Castela e Leão, Orquestra do Teatro Regio de Turim, Sinfónica de Hamburgo e a Orquestra Beethoven de Bona. Na temporada 2018/19 dirigiu por diversas vezes a Filarmónica de Los Angeles, enquanto Dudamel Conducting

Fellow e dirigiu um concerto juntamente com Bernard Haitink e a Sinfónica da Rádio da Baviera. Entre 2015 e 2017, foi Maestro Assistente da Orquestra Filarmónica da Holanda e Conducting Fellow do Festival de Tanglewood, nos EUA.

Nuno Coelho nasceu no Porto em 1989. Estudou violino em Klagenfurt e Bruxelas, e direcção de orquestra em Zurique, com Johannes Schlaefli. Recebeu o 1.º Prémio no Concurso de Direcção do Prémio Jovens Músicos da Antena 2, o Neeme Järvi Prize do Festival Menuhin de Gstaad e foi finalista no Concurso do Festival de Salzburgo para jovens maestros. Em 2014, foi bolseiro da Fundação Gulbenkian e, em 2015, foi aceite no Dirigentenforum do Centro Alemão para a Música, que mais tarde o nomeou para a sua lista Conductors of Tomorrow.

Em Março de 2022, dirigiu uma versão semi-encenada de *Così Fan Tutte* na Fundação Gulbenkian. No repertório operático dirigiu também *La Traviata*, *Cavalleria rusticana*, *Hänsel und Gretel*, *Rusalka*, *Das Tagebuch der Anne Frank* e *Sieben Todsünden*. Foi ainda assistente de Marc Albrecht na produção de Parsifal para a Dutch National Opera.



ESTHER HOPPE

A violinista suíça Esther Hoppe detém uma excelente reputação internacional, enquanto solista e pedagoga.

Após estudar em Basileia, Filadélfia (no prestigiado Curtis Institute of Music), Londres e Zurique, Esther ganhou o 1.º Prémio na oitava edição do Concurso Internacional de Mozart, em Salzburgo. Pouco depois, fundou o Trio Tecchler, vencedor de vários prémios em importantes concursos, como o 1.º Prémio do Concurso ARD de Munique, em 2007. Toca frequentemente como solista com algumas das mais prestigiadas orquestras europeias, como Symphonieorchester des Bayerischen Rundfunks, Münchener Kammerorchester, Orchestre Les Siècles Paris, Kammerorchester Basel, Zurcher Kammerorchester, entre outras.

A sua intensa actividade concertística estende-se também à música de câmara, onde os seus parceiros de música de câmara incluem músicos como Clemens e Veronika Hagen, Nicolas Altstaedt, Vilde Frang, Heinz Holliger, Elisabeth Leonskaja, Alexander Lonquich, Christian Poltéra e Ronald Brautigam.

Esther Hoppe é convidada regular dos mais prestigiados festivais, como Lockenhaus, Ernen, Luzern, Gstaad, Delft, Prussia Cove e Styriarte.

Gravou diversos CD aclamados pela crítica, para as editoras Virgin Classics, Neos, Concertus Records e Ars Musici. Desde 2013, é Professora de Violino na Universidade Mozarteum, em Salzburgo, na Áustria

Esther Hoppe toca com o violino Stradivarius “De Ahna”, de 1722.



foto: Nikolaj Lund



foto: Rita Carmo

CHRISTIAN POLTÉRA

Um dos mais requisitados violoncelistas da actualidade, Christian Poltéra nasceu em Zurique. Foi discípulo de extraordinários professores, como Boris Pergamenschikow e Heinrich Schiff, em Salzburgo e Viena. Como solista, toca frequentemente com as grandes orquestras mundiais, como a Orquestra Filarmónica de Munique, Orquestra Gewandhaus de Leipzig, Filarmónica de Los Angeles, Orquestra Filarmónica de Oslo, Orquestra dell'Accademia Nazionale di Santa Cecilia de Roma, Orquestra de Paris, Orquestra Sinfónica da BBC, Orquestra de Câmara da Europa, tendo trabalhado sob a direcção de maestros como Bernard Haitink, Riccardo Chailly, Christoph von Dohnanyi, Andris Nelsons e Sir John Eliot Gardiner, entre outros. Dedicou-se também intensamente à música de câmara, em parceria com músicos como Gidon Kremer, Christian Tetzlaff, Leif Ove Andsnes, Mitsuko Uchida, Lars Vogt, Kathryn Stott, Esther Hoppe e

Ronald Brautigam, e com os Quartetos Auryn e Zehetmair. Juntamente com o violinista Frank Peter Zimmermann e o violetista Antoine Tamestit, Christian Poltéra fundou e integra o famoso Trio Zimmermann, que se apresenta nas mais prestigiosas salas de concertos e festivais em toda a Europa. Em 2004, recebeu o Prémio Borletti-Buitoni e foi seleccionado como um dos Artistas da Nova Geração, um projecto da BBC Radio 3. É convidado regular dos festivais mais prestigiados – como os de Salzburgo, Lucerna, Berlim, Edimburgo e Viena – e estreou-se nos BBC Proms em 2007. A discografia de Christian Poltéra, aclamada pela imprensa internacional, reflecte o seu amplo e variado repertório, incluindo concertos de Dvořák, Dutilleux, Lutoslawski, Walton, Hindemith e Barber, bem como música de câmara de Prokofiev, Fauré, Beethoven e Schubert. Christian Poltéra é Professor de Violoncelo na Universidade de Lucerna. Toca com o famoso violoncelo Stradivarius “Mara”, de 1711.

FILIFE PINTO-RIBEIRO

Filipe Pinto-Ribeiro é um dos grandes músicos portugueses da actualidade e um dos que mais reconhecimento internacional conquistou enquanto solista e músico de câmara. Diplomado e doutorado pelo Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, onde estudou com a prestigiada Professora Lyudmila Roschina, Filipe encetou desde então uma carreira que o tem levado a apresentar-se nos melhores palcos e séries de concertos e festivais da Europa, América, Ásia e Oceania, a solo, ao lado de alguns dos mais prestigiados músicos mundiais e acompanhado pelas principais orquestras portuguesas e de vários países europeus e americanos. Momento importante no seu percurso foi a criação, em 2006, do DSCH-Schostakovich Ensemble, de que é director artístico, um agrupamento de geometria variável onde Filipe se tem reunido, ao longo dos últimos quase 20 anos, a muitos dos mais significativos músicos do nosso tempo para concertos um pouco por todo o mundo.

Foi também a partir desse Ensemble que criou, em 2015, o Festival e Academia VERÃO CLÁSSICO, que se realiza anualmente em Lisboa e se constitui hoje como um dos mais importantes festivais e academias musicais do mundo. Desde 2021, Filipe Pinto-Ribeiro é o director artístico do Festival Bragança ClassicFest. É também director artístico do Festival de Música dos Capuchos e curador do Ciclo de Concertos Music4l-mente, no Porto, sua cidade natal. Dentre a sua discografia aclamada internacionalmente, com vários álbuns a solo, destaque-se o duplo CD “Piano Seasons”, com obras de Tchaikovsky, Carrapatoso e Piazzolla/Nisinman, a integral para piano e cordas de Schostakovich e Trios de Beethoven, os três últimos álbuns editados pela Paraty/Harmonia Mundi. Premiado por diversas ocasiões, é o único pianista português “Steinway Artist”, distinção oficial recebida em 2014 da prestigiada marca de pianos Steinway & Sons.



DSCH - SCHOSTAKOVICH ENSEMBLE

Fundado em 2006, DSCH – Schostakovich Ensemble é considerado um dos agrupamentos musicais de topo do actual panorama internacional. Sediado em Lisboa desde a sua criação pelo seu director artístico Filipe Pinto-Ribeiro, o DSCH é um *ensemble* de geometria variável e uma plataforma de encontro e interacção de músicos de excelência.

Deve o seu nome compositor Dmitri Schostakovich, numa homenagem aquando da celebração do centenário do seu nascimento, em 2006, ano em que o DSCH iniciou a sua actividade. Desde então, apresentou-se em várias temporadas e festivais, na Europa, nos EUA e na Austrália.

O vasto repertório do DSCH integra obras de compositores de diversas épocas e estilos musicais, de Beethoven a Schumann, de Mozart a Messiaen, de Haydn a Webern, de Brahms a Ravel, incluindo contemporâneos, como Sofia Gubaidulina.

Tem contado com a participação de

músicos extraordinários, como Pascal Moraguès, Esther Hoppe, Christian Poltéra, Gérard Caussé, Adrian Brendel, Lars Anders Tomter, Corey Cerovsek, Tedi Papavrami, Gary Hoffman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Liza Ferschtman, entre muitos outros. Desde 2006, alguns dos concertos do Schostakovich Ensemble foram gravados e transmitidos pela RTP Antena 2 e pelo canal de televisão francês Mezzo. Em 2018, instituiu o Prémio de Composição DSCH – Schostakovich Ensemble, destinado a galardoar a obra e a carreira dos principais compositores portugueses. Luís Tinoco e Eurico Carrapatoso foram distinguidos, respectivamente, em 2019 e 2021. A discografia do DSCH inclui a 1ª gravação mundial da Integral da Música de Câmara para Piano e Cordas de Schostakovich e os Trios Opus 11 e 38 de Beethoven (Paraty/Harmonia Mundi), álbuns aclamados pela imprensa especializada nacional e internacional.

ADRIANA FERREIRA

Adriana Ferreira é actualmente Flautista Principal da Orquestra da Academia Nacional de Santa Cecília, em Roma. Ocupou o mesmo lugar na Orquestra Filarmónica de Roterdão e na Orquestra Nacional de França, em Paris.

Em 2009, aos dezoito anos, obtém o 1º Prémio no Concurso de Interpretação do Estoril – Prémio El Corte-Ingles. No ano seguinte, é distinguida com o 1º Prémio no prestigiado Concurso Internacional de Flauta Carl Nielsen, na Dinamarca. Em 2013, é laureada no Japão com o 3º Prémio no Concurso Internacional de Kobe e, em 2014, o 1º Prémio e o Prémio Darmstadt no Concurso Internacional Severino Gazzelloni em Itália. No mesmo ano, obtém o 2º Prémio *ex-aequo* no Concurso Internacional de Genebra, na Suíça.

Apresentou-se em diversos festivais bem como a solo com as orquestras de câmara do Kremlin, de Colónia e de Genebra, Sinfónica de Odense, Orquestra Gulbenkian e Sun Symphony Orchestra de Hanói, entre outras. Colaborou com vários compositores e estreou diversas

obras, entre as quais o Concerto para flauta e orquestra de Joaquim dos Santos, a si dedicado.

Colaborou com a Orquestra de Câmara da Europa, Filarmónica da Scala de Milão, Les Dissonances, Orquestra da Rádio Finlandesa, entre outras, tocando regularmente com a Orquestra XXI. Natural de Cabeceiras de Basto, Adriana Ferreira começou a estudar flauta transversal na Banda Cabeceirense, prosseguindo os seus estudos na Escola Profissional Artística do Vale do Ave – ARTAVE, na classe de flauta de Joaquina Mota. Como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian, integrou a classe de Sophie Cherrier, Vincent Lucas e Pierre Dumail no Conservatório de Paris, onde completou o Mestrado e o 3º Ciclo superior, sob a orientação de Hae-Sun Kang. Estudou ainda com Benoît Fromanger na Hochschule Hanns Eisler de Berlim e é licenciada em Musicologia pela Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV).

Em 2015, obteve a Medalha de Mérito Público – Grau Ouro – do Município de Cabeceiras de Basto.



PASCAL MORAGUÈS

Desde que foi nomeado 1º Clarinete Solo da Orquestra de Paris em 1981, lugar que ocupa até aos nossos dias, Pascal Moraguès passou a ser considerado um dos mais relevantes clarinetistas mundiais.

Para além da sua intensa actividade concertística, é Professor de Clarinete em instituições de referência, como o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, a Escola Superior de Música de Lausanne e a Escola Superior de Música Reina Sofia de Madrid.

Ao longo da sua carreira como solista, colaborou com maestros de renome, incluindo Daniel Barenboim Pierre Boulez, Semyon Bychkov, Carlo-Maria Giulini, Zubin Mehta, Emmanuel Krivine, Franz Brüggen, Louis Langrée e Stephan Sanderling.

É membro do Quinteto Moraguès, do Mullova Ensemble, do Katia and Marielle Labèque Ensemble e é, regularmente, convidado como clarinete solista pela Orquestra de Câmara da Europa. No âmbito da música de câmara, tocou com Sviatoslav Richter, Christian

Zacharias, Daniel Barenboim, Christoph Eschenbach, Schlomo Mintz, Joshua Bell, Yuri Bashmet, Gary Hoffman, Nathalia Gutmann e Felicity Lott; com o Trio Guarneri, com os quartetos de cordas Borodine, Prazák, Lindsay, Jerusalem, Ysaÿe e com o DSCH – Shostakovich Ensemble.

A sua gravação do Quinteto de Brahms, com o quarteto de cordas Talich, é hoje reconhecida como uma referência. Actua regularmente nas mais prestigiadas salas de concerto internacionais, como o Wigmore Hall de Londres, Musikverein de Viena, Konzerthaus de Berlim, Carnegie Hall de Nova Iorque, Lincoln Center de Washington, Théâtre des Champs Elysées e Théâtre du Châtelet, em Paris. Apresenta-se, ainda, com regularidade, em concertos nos Estados Unidos da América, na Austrália e no Extremo Oriente.

Realizou muitas gravações com grandes músicos como Sviatoslav Richter e Viktoria Mullova e com o Quinteto Moraguès, tendo recebido vários prémios internacionais.



JUVENTUS ENSEMBLE

Colhendo o seu nome na deusa da juventude da mitologia romana, o Juventus Ensemble (JuvE) é um projecto musical orientado pelos mais elevados padrões de qualidade e tem como objectivo tornar-se um catalisador de oportunidades para jovens músicos portugueses e estrangeiros de talento reconhecido.

Fundado em 2022, o JuvE teve o seu concerto de estreia em Bragança, na Igreja de São Francisco, no âmbito do 2º Festival Bragança ClassicFest, incluindo obras de Eurico Carrapatoso e Antonín Dvořák.

Agrupamento musical de geometria variável, o JuvE promove concertos e residências, com a colaboração de artistas consagrados, no intuito de acolher e

valorizar os melhores valores emergentes do panorama musical nacional, abordando um repertório de diversas épocas e estilos musicais.

Em Fevereiro de 2023, o Juventus Ensemble apresentou a estreia mundial do Sexteto “Dreaming and Thinking” do compositor norte-americano Bruce Adolphe, no âmbito do Ciclo Musical-Mente, no Mosteiro de São Bento da Vitória, no Porto. Também em 2023, o JuvE fez a sua estreia no Festival de Música dos Capuchos e apresentou dois concertos no Festival de Musique de Prémery, em França.

O Juventus Ensemble tem direcção artística de Filipe Pinto-Ribeiro e conta com o apoio da Direcção-Geral das Artes do Ministério da Cultura.



foto: Daniil Rabovsky

JULIA MUZYCHENKO

A soprano Julia Muzychenko é uma estrela em ascensão no panorama internacional, com uma intensa carreira, tanto no âmbito da ópera quanto nas temporadas de concertos. Julia é premiada em alguns dos mais prestigiados concursos internacionais, como o Concurso Rainha Elisabeth em Bruxelas, o Concurso Tenor Viñas em Barcelona, o Concurso Monserrat Caballé e o Concurso Internacional de Ópera de Clermont Ferrand. São, ainda, de realçar os 1º Prémios obtidos no Concurso “Meistersinger von Nürnberg”, no Concurso Internacional ‘Opera de Tenerife’, no Concurso Internacional de Música Crescendo no Carnegie Hall e no Concurso Serguei Rakhmaninov. Destaques recentes incluem a sua estreia como Princesa Cisne (*O Conto do Czar Saltan*) com a Ópera Nacional du Rhin, Violetta (*La Traviata*) com o Teatro Comunale di Bologna, um concerto com a Orquestra de Praga no Festival de Cartagena na Colômbia e um concerto com o Stuttgarter Philharmoniker no Festival de Heidenheim, Gilda (*Rigoletto*)

e Nanetta (*Falstaff*) com a Ópera Nacional de Montpellier, Oksana (*The Night Before Christmas Eve*) com a Oper Frankfurt, que foi gravada e distribuída em DVD pela Naxos e foi premiada como Produção do Ano pelos International Opera Awards. Em temporadas de concertos, Julia cantou um recital a solo na Sala Schostakovich em São Petersburgo e foi solista no Concerto do Advento na Frauenkirche de Dresden, que foi transmitido pelo canal de televisão ZDF. Além disso, actuou como Violetta (*La Traviata*) no Festival Verdi em Busseto, no Teatro Comunale Bolzano e na Ópera de Tenerife. Também cantou Norina (*Don Pasquale*) na Ópera Nacional de Montpellier e Rosalinde (*Die Fledermaus*) no Teatro Hermitage em São Petersburgo. Julia foi membro das academias do Teatro Bolshoi de Moscovo e da Grand Opera de Houston, nos EUA, e completou os mestrados em *performance* vocal no Conservatório de São Petersburgo e na Escola Superior de Música “Hanns Eisler” de Berlim.



MATTHIAS SAMUIL

Matthias Samuil nasceu em Berlim e iniciou os seus estudos musicais aos seis anos de idade. Graduiu-se como pianista na Escola Superior de Música “Hanns Eisler” em Berlim, onde estudou com Annerose Schmidt e Hella Walter-Arndt e participou em várias *masterclasses* internacionais, com Murray Perahia, Leon Fleisher, Brigitte Engerer e Graham Johnson. Matthias tem-se apresentado em concertos como pianista acompanhador de alguns dos mais destacados cantores de ópera da actualidade, como Olga Peretyatko, Dmitry Korchak, Anna Samuil, Lena Belkina, Alfredo Daza e Marina Prudenskaya.

Como solista e acompanhador, foi laureado com diversos prémios em concursos internacionais. Em 2016, recebeu o prémio de melhor pianista acompanhador no Concurso “Triomphe de l’Art”, em Bruxelas. Apresentou-se em algumas das principais salas do mundo, como a Philharmonie de Berlim, Palau de les Arts de Valência, Casa da Música em Moscovo, Ópera Estatal de Berlim, Konzerthaus de Berlim, Muziekgebouw de Amsterdão. Participou em inúmeras transmissões ao vivo e gravações de CDs. Desde 2006, é Professor na Escola Superior de Música “Hanns Eisler”, em Berlim.



foto: Rita Carmo

ROSA MARIA BARRANTES

A pianista Rosa Maria Barrantes iniciou os estudos musicais na sua cidade natal, Lima, no Peru. Mais tarde, estudou na Universidade Católica de Santiago do Chile, com a pianista Maria Iris Radrigán, e concluiu a licenciatura com mérito. Posteriormente, ingressou no prestigiado Conservatório Tchaikovsky de Moscovo, na classe da Professora Natalia Troull, vindo a doutorar-se pela mesma instituição com as mais elevadas classificações.

É dessa altura, em Moscovo, que data o seu duo pianístico com Filipe Pinto-Ribeiro, que se tem vindo a apresentar nas duas últimas décadas em Portugal, nos Estados Unidos, na América latina e em vários países europeus. O duo gravou um álbum com obras de Debussy, Fauré, Ravel, Satie e Poulenc, com excelentes críticas da imprensa especializada. No âmbito da música de câmara,

Rosa Maria Barrantes foi membro do Trio Americano e é colaboradora frequente do DSCH – Schostakovich Ensemble. Tem tocado com grandes músicos do panorama internacional, como Anna Samuil, Corey Cerovsek, Adrian Brendel, Pascal Moraguès, Marcelo Nisinman, Héctor del Curto, Chen Halevi, Jack Liebeck e Gary Hoffman, entre muitos outros. Rosa Maria Barrantes foi Professora de Piano e Música de Câmara na Licenciatura em Música do Instituto Piaget e, actualmente, é docente de Piano no Conservatório Metropolitano de Lisboa e coordenadora pedagógica do Festival e Academia Verão Clássico, que se realiza anualmente em Lisboa e se constitui hoje como um dos mais importantes festivais e academias musicais do mundo.



AMIA JANICKI

A jovem violinista suíça, de origem austríaca, polaca e japonesa, Amia Janicki nasceu em 1997 e começou a tocar violino aos três anos. Estudou com Tedi Papavrami, em Genebra, e, actualmente, estuda na classe de Pavel Vernikov, em Viena. Foi laureada em numerosos concursos internacionais e apresentou-se em várias salas de prestígio, como Musikverein de Viena, La Monnaie e Bozar em Bruxelas e Grand Théâtre em Genebra. Apresenta-se regularmente como solista, tendo sido acompanhada por orquestras como a Tonkünstler de Viena e as

Orquestras Sinfónicas da Croácia e da Lituânia, entre outras. Colaborou em música de câmara com músicos consagrados, como Tedi Papavrami, Xavier Phillips, Gary Hoffman, Miguel da Silva ou François Frédéric-Guy. Desde 2021, é artista em Residência na prestigiada Capela Real Rainha Elisabete, na Bélgica, na classe de violino do Professor Augustin Dumay. Toca um violino Niccolò Amati, de 1645, cedido para seu uso pela Fundação Maggini.



foto: Enric Vives-Rubio

TOMÁS SOARES

O violinista Tomás Soares teve as suas primeiras aulas de violino aos 7 anos. Estudou na Escola de Música do Colégio Moderno, em Lisboa, e actualmente frequenta o Mestrado em Performance, na Bélgica, no Conservatório Real de Antuérpia, e o mestrado em Performance Solo, na Folkwang Universität der Künste, na Alemanha. Participou em várias *masterclasses*, orientadas pelos Professores Gerardo Ribeiro, Gwendolyn Masin, Aníbal Lima,

Alissa Margulis, Albert Markov, Ilya Grubert e Sergey Ostrovsky, entre outros.

É violinista do Quarteto Tejo, com o qual obteve, em 2019, o 1º prémio no concurso Prémio Jovens Músicos, da Radiodifusão Portuguesa, e tem-se apresentado em diversos festivais e temporadas de concertos.

Apresenta-se regularmente como violinista da Orquestra Metropolitana de Lisboa e da Orquestra de Câmara Portuguesa.



MAFALDA COSTA REIS

Mafalda Costa Reis é uma violista de nacionalidade portuguesa a estudar actualmente na conceituada Universidade “Barenboim-Said Akademie” em Berlim, tendo concluído no ano transacto o seu segundo ano de licenciatura, na classe da Professora Yulia Deyneka. Apresenta-se regularmente na “Pierre-Boulez Saal” a solo e em repertório de música de câmara e de orquestra. No âmbito da música de câmara, Mafalda partilhou o palco com músicos como o célebre flautista Emmanuel Pahud e fez parte da “Quartet Week” ao lado de quartetos tais como Hagen, Casals,

Signum e Staatskapelle Berlin. Está também em constante contacto com o Maestro Daniel Barenboim, sendo convidada com frequência para as suas *masterclasses*. Teve ainda a oportunidade de usufruir do conhecimento de violistas tais como Tatjana Masurenko, Veronika Hagen, Miguel da Silva, Máté Szücs, Nathan Braude, com os quais contactou de forma personalizada em várias *masterclasses*. Apresentou-se em várias salas de referência, como o Centro Cultural de Belém, a Casa da Música, Kulturhaus Center Bagatelle e Konzerthaus Berlin.



foto: Enric Vives-Rubio



foto: Rita Carmo

BEATRIZ RAIMUNDO

A violoncelista Beatriz Raimundo começou os seus estudos musicais com Catherine Strynckx na Escola de Música do Conservatório Nacional. A música de câmara representa o centro da sua actividade, com projectos como o Quarteto Tejo, com o qual ganhou o Prémio Jovens Músicos em 2019. Como solista, obteve, em 2021, o 1º Prémio no Concurso Vasco Barbosa e o 3º prémio no Concurso Prémio Jovens Músicos; em 2016, foi distinguida com o 1º prémio do Concurso Internacional da Cidade do Fundão. Para além do repertório clássico, participa frequentemente em projectos de música contemporânea (*ensembles*

Contrechamps, Ulysses e Vortex), e música popular, com o seu grupo Barlovento Sur. Em 2015, foi admitida na Haute École de Musique de Genève na classe de Ophélie Gaillard, formação que terminou com classificações máximas. Conclui, em 2022, o mestrado *composer-performer* focado em improvisação em Genebra, na classe de Joshua Hyde. Após 6 meses como coordenadora dos violoncelos do projecto social NEOJIBA em Salvador da Bahia, exerce a sua actividade como *freelancer* e diversos projectos artísticos na Europa, nomeadamente OperaLab no Grand Théâtre de Genève.

TIAGO PINTO-RIBEIRO

Tiago Pinto-Ribeiro nasceu no Porto e estudou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo. Mais tarde, ingressou na Universidade das Artes de Berlim, UdK, onde estudou com o Professor Michael Wolf e concluiu o mestrado e diploma artístico em Contrabaixo. Ao longo do seu percurso, foi laureado em diversas ocasiões, tendo obtido menção honrosa no Concurso Internacional de Contrabaixo, em Houston, EUA, e vencido o 1º Prémio no Concurso Internacional “Júlio Cardona”, na Covilhã. Tiago integrou algumas das melhores orquestras mundiais, como é o caso da Orquestra Sinfónica NDR de Hamburgo, Orquestra Sinfónica de Berlim, Orquestra Filarmónica NDR de Hannover, Orquestra Sinfónica da Galiza, entre

outras, onde trabalhou por maestros consagrados, como Claudio Abbado, Christoph von Dohnányi, Kent Nagano e Christoph Eschenbach. No âmbito da música de câmara, é membro do DSCH – Schostakovich Ensemble e toca frequentemente, em Portugal e em vários países europeus, com músicos consagrados como Mihaela Martin, Frans Helmerson, Gérard Caussé, Pascal Moraguès, Adrian Brendel, Marcelo Nisinman, Jack Liebeck, Kyril Zlotnikov, Corey Cerovsek, Benjamin Schmid, José van Dam, Silvia Careddu e o seu irmão Filipe Pinto-Ribeiro. Actualmente, Tiago Pinto-Ribeiro é contrabaixista da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e Professor de Contrabaixo e Música de Câmara na Universidade de Aveiro.



JOÃO MIGUEL BRAGA SIMÕES

João Miguel Braga Simões nasceu em 1992, em Braga. É membro do Drumming Grupo de Percussão e dos Trash Panda Collective, *ensemble* que fundou em Amsterdão. A sua actividade profissional tem-se estendido a projectos a solo, de música de câmara e de orquestra e o seu foco principal está na criação e interpretação de música contemporânea.

Apresenta-se regularmente com o Drumming GP, assim como em recitais a solo, e actua assiduamente em alguns dos melhores festivais holandeses, como o Gaudeamus, Rewire Music Festival, Sounds of Music Festival, Groningen, entre outros.

Tem-se inserido cada vez mais nos circuitos de improvisação livre, música exploratória e cruzamentos estéticos nos trabalhos desenvolvidos com o Trash Panda Collective, na participação em Omniae Large Ensemble, nas colaborações regulares com o compositor Igor C. Silva, no projecto desenvolvido com Nuno Aroso e Ikue Mori e no desenvolvimento do seu projecto solo “Melting Music”.

João participou na criação e gravação do álbum *Textures & Lines* com Drumming GP, Joana Gama e Luís Fernandes, editado pela Holuzam e considerado o melhor álbum nacional pela Oficina Radiofónica de Rui Miguel Abreu (2020). Os seus trabalhos discográficos mais recentes são “Lumina” (álbum de estreia do Omniae Large Ensemble – lançado em 2021), “Peixinho Patriarca Percussão” (álbum de documentação da música de Jorge Peixinho e Eduardo Patriarca – lançado em 2021), “Portuguese Marimba Quartets” do Drumming GP (que será lançado no último trimestre de 2023) e “Chronotope” de Anthony Pateras e Drumming GP (a ser lançado em 2024). Completou recentemente o seu mestrado em Percussão com especialização em “New Music” no Conservatório van Amsterdam, com o apoio da bolsa de aperfeiçoamento artístico da Fundação Calouste Gulbenkian.

O seu percurso académico passou também por Braga e pelo Porto, onde concluiu a licenciatura na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo.

JORGE VAZ DE CARVALHO

Licenciado em Literaturas Modernas pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Mestre em Literaturas Comparadas pela Universidade Nova de Lisboa e Doutorando em Estudos de Cultura pela Universidade Católica Portuguesa, tem desenvolvido um percurso multifacetado no panorama cultural, com expressão importante na música e na literatura.

Fez estudos musicais desde criança (piano, viola clássica e canto lírico). Em 1984, trocou a docência no ensino secundário pela de cantor de ópera, tendo-se estreado, no Teatro Nacional de São Carlos de Lisboa, a cuja companhia residente pertenceu até iniciar a carreira internacional, em 1990. Como cantor de ópera, interpretou inúmeros papéis principais na Europa, Ásia e Oceania, tendo trabalhado com notáveis maestros, encenadores e cantores. O seu vasto repertório incluiu o musical americano e a opereta, apresentou-se regularmente em recital e a sua actividade concertística abrangeu os principais compositores, do barroco à música contemporânea. Cantou e gravou diversas obras de compositores portugueses, algumas das quais em estreia e que lhe foram especialmente dedicadas.

Como Director Cénico e Vocal do Atelier de Ópera da Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigiu cenicamente as óperas *Le Nozze di Figaro*, *Don Giovanni*, *Così fan Tutte*, *La Clemenza di Tito* e *Die Zauberflöte* de Mozart e ainda *L'Elisir d'Amore* de Donizetti.

É regularmente convidado para ministrar *masterclasses* de voz e interpretação operática em Portugal e em Itália.

Vem integrando o júri de importantes concursos de canto nacionais e internacionais.

O seu trabalho literário inclui obras de poesia, conto, ensaio (Prémio PEN Clube 2010 e Prémio Jorge de Sena 2011) e tradução (Prémio de Tradução Científica e Técnica FCT/União Latina 2006; várias obras de Umberto Eco; Ulisses de James Joyce (Grande Prémio de Tradução Literária APT/SPA 2015); *Vida Nova*, *Convívio* e *Divina Comédia* de Dante Alighieri; etc).

Foi Director da Orquestra Nacional do Porto, tendo liderado o processo de construção da formação sinfónica, e Director do Instituto das Artes.

É professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa.



Bragança ClassicFest 2021
Teatro Municipal de Bragança
Foto: Rita Carmo



EQUIPA

Organização

Câmara Municipal de Bragança
Teatro Municipal de Bragança
DSCH – Associação Musical

Director Artístico

Filipe Pinto-Ribeiro

Director Administrativo

Paulo Veríssimo da Silva

Director Assistente

Tiago Pinto-Ribeiro

Assistentes de Produção

Alice do Carmo, João Mendes e João Nogueira

Notas aos programas

Sónia Gonçalves da Silva

Imagem Gráfica do Festival

António Afonso e Rita Carmo {Espanta Espíritos design}

Site e Catálogo

Espanta Espíritos design

Fotografia e Vídeo

Rita Carmo e Alice do Carmo

Impresso por **Belgráfica** Setembro 2023

INFORMAÇÕES ÚTEIS

info@classicfest.pt

classicfest.pt

Teatro Municipal de Bragança

Praça do Professor Cavaleiro de Ferreira, 5300-252 Bragança

Igreja da Sé de Bragança

Praça da Sé, 5300-265 Bragança

Igreja de Santa Maria – Cidadela de Bragança

Rua da Cidadela, Santa Maria, 5300-025 Bragança

Igreja de São Francisco – Convento de São Francisco

Rua de São Francisco, 5300-037 Bragança

Bilhetes à venda em

TICKETLINE ticketline.pt

Worten, FNAC, El Corte Inglés e nos locais habituais

Teatro Municipal de Bragança

telefone: 273 302 744

e-mail: bilheteira@cm-braganca.pt

teatromunicipal.cm-braganca.pt



Bragança ClassicFest 2022
Teatro Municipal de Bragança
Foto: Rita Carmo



CLASSICFEST.PT